

## POR UMA TOPOLOGIA DA TRADUÇÃO OU POR RE-CONSTELAÇÕES TIPOLÓGICAS<sup>1</sup>

Luiz Fernando Ferreira Sá  
UFMG

*Filosofia significa em sentido próprio nostalgia do lar, aspiração a  
estar, por toda parte, em sua casa.*  
Novalis

*And though a linguist should pride himself to have all the tongues  
that Babel cleft the world into, yet if he have not studied the solid  
things in them as well as the words and lexicons, he were nothing  
so much to be esteemed a learned man as any yeoman or tradesman  
competently wise in his mother dialect only.*  
John Milton

*“That we were formed then say’st thou?  
and the work Of secondary hands ...  
Know none before us, self-begot ...  
Our puissance is our own ...*  
John Milton

As tipologias da tradução têm sido durante séculos matéria de discussão e desacordos. Um panorama geral de tal discussão se faz necessário uma vez que a tradução e os seus tipos têm sido pensados sob diversas perspectivas. Se inicialmente a tradução era pensada em termos de correspondências entre palavras, e posteriormente entre os componentes sintático-lexicais de um discurso, atualmente o problema do estabelecimento de tipologias

da tradução se coloca em particular no nível das culturas. Ao delinear um panorama das tipologias da tradução deve-se levar em conta que uma abrangência absoluta ou um esgotamento tipológico são impossíveis, já que muito foi escrito sobre o assunto, mais ainda nas margens prefaciais dos textos traduzidos. Assim sendo, escolho trabalhar com uma generalidade tipológica, no lugar de uma especificidade estrutural, para mostrar como o encadeamento tipológico em diversas eras e culturas vem sendo “territorializado” numa topologia da tradução. As ramas tipológicas da tradução serão pensadas a partir do *topos* originado pela confusão de Babel, topologia esta condensada no nome próprio inventado pelo filósofo francês Jacques Derrida: *disschémination* (1972, 1985b, p. 103). Ou seja, a palavra *disschémination* é concomitantemente propagação ou difusão, des-esquematização, des-semitização (contra a violência colonial dos Semitas), e desencaminhamento ou desvio. A generalidade de tal disseminação parece não rasurar as especificidades correlacionáveis pois contem em si os sentidos necessários para se pensar topologicamente (uma maneira operacional efetiva) a tipologia que se quer babélica. Em suma, no panorama que se segue as tipologias da tradução serão apresentadas em recortes cuja estrutura é tentativamente des-hierarquizada, cujo sentido é (des-)encaminhado em direção à sua alteridade, e cuja topologia é lugar de disseminação.

De um lado, entendo como tipologia um conjunto de práticas que permite re-conhecer e estabelecer correlações entre dois ou vários objetos de estudo e classificá-los de maneira que as hierarquias, caso existam, sejam confrontadas entre si. Por outro lado, a topologia deve aqui ser entendida como uma geo-grafia de superfície, ou seja, uma grafia ou escrita dos objetos de estudo no mundo. A partir daí, pretendo manter como área de trabalho: o meu enfoque topológico-derrideano sobre as diversas tipologias da tradução, a sugestão de que essas vêm sendo territorializadas ou “localizadas” numa arena ou rede multicultural, e a introdução do termo “unidiversal” como que ajuntando ao mesmo tempo tipologia

e topologia. O termo unidiversal parece dar conta de uma tipologia que é una, pois aspira a nenhuma classificação, e de uma topologia pós-babélica, onde as diversas culturas dialogam — não numa torre hierarquizada em degraus, mas antes na pós-modernidade do achatamento em rede. Ademais, os recortes tipológicos aqui presentes pretendem ter como interlocutores privilegiados os percursos tradutórios da nação desenvolvidos por Adriana Pagano (1996) e as consciências nacionais introduzidas por Benedict Anderson (1989), onde a nação não é mais necessariamente acessada para as diversas trocas culturais. Tal ordem de des-en-caminhamento e disseminação das tipologias da tradução serão, entretanto, apresentadas numa esquematização correlacional ahistórica, não-positiva, multinacional e interdisciplinar. Em outras palavras, numa re-constelação tipológica: me refiro ao desafio da desconstrução, de de Man (1978) a Derrida (1972, 1982, 1985a, 1985b, 1987) e Spivak (1993, 1999), que suspende “acusação” em favor de uma prática que examina em detalhe os protocolos do texto que produzirão algo que irá gerar uma nova e útil leitura. No nosso caso, os textos que teorizam a tradução em contraponto aos conceitos de tipo- e topo-logia. O primeiro passo: des-cobrir que algo que se auto-proclama verdade é uma mera figura de linguagem — *tropo* — inscrita na geo-grafia do texto — seu *topos*. O segundo passo: des-cobrir como que o impulso corretivo dentro da análise t(r)opo-lógica é obrigada a repetir ou fingir uma mentira para então (re)estabelecê-la como a versão “correta” da verdade (Spivak, 1999, pp. 18 -19). Nossa análise tropológica, o que agora denomino re-constelação, vai ser efetivada numa topologia.

Para tanto, cabe ainda ressaltar que desde tempos imemoriais (pré-Semita) o ato tradutório requer uma certa medida de conhecimento e outra medida de apropriação: no jardim do Éden, Eva come o fruto da árvore proibida e conhece o bem através do mal. Num sentido *lato*, e reportando à primeira epígrafe a este trabalho, traduzir parece ser, como na filosofia, nostalgia de um lar para sempre perdido (*topos*), e aspiração a fazer de todo lugar

uma casa própria (*tropos*). Consequentemente, ao se traduzir, *lato* ou *strictu senso*, o ímpeto colonial — fazer de todo lugar conhecido sua casa — oscila entre os termos *imperia* e *studia* e pontua ainda mais a assimetria da relação. Para haver diálogo entre as culturas correlacionadas através da tradução, deve-se levar em conta que a tentativa de uma não hierarquização de tais tipologias “des-semitiza” ou desvia o célebre argumento do historiador inglês do século passado William Jones: “The limits of our knowledge will be no less extended than the bounds of our empire” (Niranjana 1992, p. 83). Des-encaminhar este argumento, parece-me, requer construirmos a casa em termos de um outro, porém não um outro ingênuo onde as relações são pensadas simetricamente, pois para fazer nossa a casa — numa topologia disseminadora e ao mesmo tempo localizada algures e alhures —, temos que reconhecer a relação como diferente, difusa e assimétrica.

A relação assimétrica entre o que conhecemos e o que dominamos ou fazemos nosso se encontra, no caso da tradução, num sistema cuja dinâmica talvez ocorra entre três zonas: a língua do original, a língua da tradução e o espaço também indistinto entre as duas (Santiago 1978; 1982; 1989). A superficial transparência de tal divisão é no mínimo enganosa. Tanto a língua do original quanto a língua da tradução não podem ser pensadas como objetos finitos, unos e absolutos. Como diria Derrida, a língua que falamos é antes de tudo um hábito e a língua mãe é uma certa ficção: “a mother tongue that is yours without really being yours and whose duplicity you take on” (1985b, p. 111). Partindo da dupla tradução que ocorre *de facto* em qualquer língua, temos que a divisão tripartite do ato tradutório parece antes oscilar entre uma diversidade lingüística de partida, uma diversidade lingüística de chegada e uma diversidade espacial entre as duas. A última diversidade sugere talvez que não houve partida e muito menos chegada, que talvez o vetor em sua confusão tenha difundido as direções e que a tradução então possa ser pensada como tripartite, bipartite, ou una, porém numa diversidade. No que se segue, proponho mostrar que as

diversas tipologias da tradução, sejam elas tripartites, bipartites, ou “unidiversais”, fazem parte de um movimento analógico cuja razão ou itinerário é de 3:2:1. Ou seja, as tipologias da tradução tripartites ou bipartites estão mais ou menos inseridas numa esquematização hierárquica enquanto que as topo-tipologias “unidiversais” são desviadas em direção à alteridade. No momento em que as tipologias tripartites parecem subsumir as línguas correlacionadas e apresentá-las como definitivas e praticamente imutáveis, as tipologias bipartites parecem considerar as línguas em questão como em transformação de uma em relação à outra e vice-versa. Somente as topo-tipologias “unidiversais” parecem dar conta da tradução *qua* transformação via disseminação da alteridade inerente em ambas as línguas e culturas. Via esta que está interligada em rede e que inter- ou trans-textualiza uma relação, antes de mão dupla, numa topologia múltipla.

Se reportarmos inicialmente à segunda epígrafe, teríamos na frase de Milton um paradigma da tradução que está em consonância com a “disschémination” derrideana: a confusão babélica das diferentes línguas, a clivagem do mundo nessa diversidade lingüística, a língua nem tanto como um todo acabado mas como composta por coisas sólidas, a necessidade de conhecer as diferentes línguas mais como um exercício cultural e menos como um mero saber de palavras e léxicos, e mormente, o mero saber de um dialeto materno fazendo do homem culto um simples negociante. Retirada do tratado sobre educação, este argumento de Milton (1977, pp. 137, 138) serve como introdução ao primeiro recorte tipológico da tradução no presente trabalho. Ao lado de uma postulação talvez “disseminativa” — no sentido de uma difusão de cultura e bastante importante para a discussão que se segue sobre as negociações interculturais via tipologia da tradução —, a divisão tripartite e agora clássica de seu contemporâneo John Dryden nos parece realmente embutida na Inglaterra “Augustan” do século XVII. Dryden, tradutor de *A Eneida* e as *Epístolas de Ovídio*, estabelece uma tipologia da tradução a partir da prática da época em que traduzir

era ao mesmo tempo atualizar ou adaptar as obras e suprimir as referências (Milton 1993, pp. 20-30). Partindo do pressuposto que a tarefa do tradutor era fazer seu autor “appear as charming as possibly he can”, Dryden subdivide a tradução em metáfrase, paráfrase e imitação (1992, p. 23). Se a primeira é uma tradução verbatim, a segunda é uma tradução com uma latitude por onde o sentido é mantido ou ampliado. O terceiro tipo, a imitação, somente a idéia do original é mantida e o tradutor faz uso das palavras a seu bel-prazer. Advogando ainda pelo meio termo (Bassnett 1991, p. 60), ou seja, a favor de uma paráfrase cuja fidelidade é autoral e cuja flexibilidade é lingüística, a tipologia de Dryden é uma “still source-oriented tripartite categorization of translation” (Vieira 1, p. 2). Assim sendo, a tipologia “Augustan” de Dryden, mesmo se pensarmos em sua idéia de paráfrase, está desmedidamente ligada à palavra, às suas nuances lexicais e sintáticas, e suas adaptações lingüístico-significativas. Na linguagem do setecentos de Milton, a tipologia de Dryden traduziria antes as práticas do negociante lingüístico, nunca aquelas do homem de cultura, e sua topologia não passaria das fronteiras nacionais.

Se Dryden se encontra no lugar da palavra, das línguas, e principalmente naquela de origem, Johann Wolfgang Goethe parece introduzir uma nota de diferença na sua também tripartite tipologia da tradução. Goethe (apud. Berman, 1982) subdivide a tradução em simples ou prosaica, paródica, e interlinear. O primeiro tipo tem como objetivo familiarizar o polo receptor, o segundo tipo é uma apropriação de idéias importadas e o terceiro tende a tornar o original idêntico à tradução, mas conservando sua estranheza aparente. A tradução tem um papel central na constituição de uma cultura e é através da estranheza aparente da versão interlinear, um tipo sublime para Goethe (e talvez de uma “ostranenie” *avant la lettre*), que as interações entre nações e uma possível construção de identidade própria será alcançada (Berman, 1982). Apesar de abrir a tipologia da tradução para uma arena cultural, a construção da identidade nacional pensada por Goethe se coloca como bipartite:

a língua traduzinte se modifica tanto quanto a língua traduzida. Ora, para o filósofo alemão, na linha de seus compatriotas Herder, Novalis e Schleiermacher, a relação com a alteridade parece se dar ou por recusa, ou desconhecimento intencional, ou anexação desfigurante, ou até mesmo por um acolhimento fiel e respeitoso. Agora, cada cultura procura se contemplar no espelho da outra e aí encontrar o que elas podem perceber delas mesmas: o estrangeiro que o nosso próprio é para o outro, ao lado do estrangeiro que busca no próprio do outro o seu próprio. Mesmo sendo tripartite a tipologia goetheana, a relação estabelecida entre as culturas em tradução é uma de mão dupla ou de descobrimento do mesmo no outro. O traduzir é apanhado no vasto ciclo do se traduzir, ato este inserido numa topologia inter-nacional e numa topologia imperialista.

O negociante de Milton se parece cada vez menos com um leigo: ao se traduzir, ele começa o árduo processo de vislumbrar o outro enquanto alteridade. Inserido em rotas diversas de comércio, tal negociante “becomes the literate translator as arbiter of culture and shaper of international relations” (Nelson, 1989, p. 17). Estas duas operações, arbitragem e modelagem, exigem uma tipologia da tradução que englobe algo mais que o fato lingüístico. Assim sendo, temos com a tipologia de Roman Jakobson a possibilidade de enfocar a equivalência na diferença, a multiplicidade lingüística e a diversidade de códigos de cultura. Jakobson pensa a tradução como intralingual ou paráfrase, interlingual ou tradução própria, e intersemiótica ou signos verbais sendo recodificados em sistemas de signos não verbais. Com tal divisão, o ciclo do se traduzir é mais facilmente problematizado — tradução intralingual — e a arbitragem de cultura se torna mais abrangente com a tradução intersemiótica. O núcleo da tipologia de Jakobson levado a cabo no ensaio “Aspectos lingüísticos da tradução” (1969) está também em considerar “o significado de um signo lingüístico como sua *tradução* em outro ou outros signos alternativos” (Campos 1, p. 62). Daí, seja no mesmo código, entre códigos diferentes, e sistemas diferentes, a tipologia jakobsoniana abre espaço para pensarmos a

tradução como uma operação direcionada não somente a uma, mas a várias alteridades. Se as rotas de comércio foram neste caso multiplicadas infinitamente, falta-nos ainda medirmos tais relações inter-nacionais. A divisão tripartite de Jakobson parece não suprimir as línguas em tradução colocando-as indistintamente num mesmo recipiente, mas quanto a tradução interlingual, o processo de disseminação e des-en-caminhamento está por vir (e sua topologia argumentada).

Os parâmetros para medirmos as traduções interlinguais de Jakobson ou parafrásicas de Dryden ainda estão por vir, e assim resta-nos algumas nuances tipológico-conceituais quanto ao ato tradutório como transformação e disseminação. A questão das nuances de disseminação em tradução tem em Sigmund Freud um dos maiores teóricos e seus conceitos podem ser ilustrados pela terminologia da física moderna (Peraldi, 1982). No campo da tradução, Patrick Mahony trabalhou os conceitos psicanalíticos de Freud e estabeleceu uma tipologia de tradução *a posteriori*: interações ou traduções intrasistêmicas, intersistêmicas e interpsíquicas. O primeiro tipo, pensado num mesmo sistema, tem como exemplo o mecanismo dos sonhos. O conteúdo manifesto ou latente deste tipo de tradução participa de um sistema de significação com uma especificidade que incorpora desde já uma tradução intersemiótica interna de uma economia psíquica. É nesse (duplo) ato tradutório que o recalque apareceria como uma falha/falta de tradução. O segundo tipo, ou tradução intersistêmica, se relaciona, por exemplo, com as fantasias históricas traduzidas para a esfera motora ou biológica; enquanto que a tradução interpsíquica é o fenômeno de tradução que ocorreria entre o analisado e o analisando (Mahony, 1982, pp. 63-65). Baseando-se largamente na tipologia jakobsoniana, Mahony, através de Freud, chega a postular que mesmo uma tradução intrasistêmica faz parte de uma cadeia de traduções prévias, e dialogam não somente com o sistema significativo em questão, mas também, e principalmente, com atos tradutórios já estabelecidos. Essa divisão tripartite da tradução

parece minar completamente o pressuposto de que há duas línguas em tradução. A tipologia tripartite de Mahony via Freud parece subsumir os diversos atos tradutórios na tradução interspíquica, uma vez que nesse ato o *telos* é a cura. O ponto nodal de tal tipologia, ainda que extremamente importante ao entrever possíveis alteridades, se encontra num ponto de chegada praticamente pré-determinado que impossibilita ou dificulta a existência de uma (ou várias) cadeia(s) de atos tradutórios difusos, disseminados e, até certo ponto, desencaminhados. A topologia freudiana da tradução, se encontrando no sujeito e sua psiquê, é importante no momento que nos informa que a relação tradutória, sem dúvida perpassando percursos críticos e identitários (e provavelmente nacionais), está sempre situada numa interface de correlações (e estas em rede).

Se uma cadeia de atos tradutórios em Freud é barrada ou se esgota numa possibilidade de cura, mesmo antecipada ou meramente formulada *a priori*, uma cadeia de sobrevivência, agora na história, é pensada por Walter Benjamin em relação à tradução. Em seu ensaio “A Tarefa do Tradutor”, Benjamin deixa implícito que a tradução nas suas relações de complementaridade e suplementaridade com o original garante ao segundo três tipos de sobrevida: *überleben*, *fortleben* e *aufleben* (1982). Antes numa linha prototipológica, a subentendida divisão benjaminiana concatena também uma idéia de concomitância entre traduzibilidade e intraduzibilidade, com o tradutor tendo como tarefa re-formar e/ou trans-formar o original na tradução. Partindo da idéia de uma existência continuada, *weiterleben*, como pano de fundo, *überleben* é a sobrevida sem a idéia de morte que a tradução garante ao original. A sobrevida como uma existência continuada após a morte, chamando a atenção para a possibilidade de geração(ões), está presente na prototipologia quase aurática do termo *fortleben*. Haroldo de Campos em alguns de seus ensaios traduz tal termo como pervivência, ou seja, viver em várias direções, disseminar-se (1982; 1983b). Já *aufleben*, se reporta à sobrevida como rejuvenescimento. Ao ser traduzido, um original ganha roupagem

nova, talvez um manto real, que lhe outorgará ou lhe emprestará a juventude da tradução. Essa divisão tripartite de Benjamin ainda acessa a tradução via original, mas ao subverter os privilégios de cada língua, garante um movimento dinâmico ao ato tradutório. Em Benjamin a tradução parece fazer parte de uma cadeia de re-escritas sem um telos pré-fabricado e somente com uma possibilidade de vida adiante, porquanto “o tradutor tem de desistir da tarefa de redescobrir o que estava no original” (de Man 1978, p. 109). Ao trans-formar o original, a tradução se faz *lexis* da vida, uma via desde sempre fragmentada, mas agora, com a tradução, vi(d)a fragmentada e disseminada.

Vias e vidas de re-escritas e renovação é o que também propõe Ezra Pound. Partindo dos três elementos de poesia que podem e não podem ser traduzidos, Pound nos fornece uma pista: melopéia é a qualidade musical quase impossível de traduzir; fanopéia é a projeção de imagens na imaginação; e logopéia é uso, contexto, acompanhantes da palavra. Essa última não pode ser traduzida mas pode ser parafraseada. Ora, essa prototipologia tripartite de Pound nos fornece as bases para pensarmos como a língua, numa rede de relações, é energizada ao representar coisas em ação. É dessa dinâmica poundiana que uma tipologia da tradução pode ser entrevista. Sempre com a idéia de que a tradução garante um tipo de imunidade ao tradutor/escritor (Bassnett e Lefevere 1990, p. 23), Pound exercita tal operação como uma forma de re-escrita radical ou como uma renovação em constante disseminação. “Pound classifica a tradução como uma das formas da crítica” (Milton, 1993, p. 80), e nos permite entrever, em sua fragmentada teorização sobre tradução, uma possível divisão bipartite: tradução interpretativa e tradução intertextual. Enquanto a primeira seria a criação de um novo poema sem as idéias de fidelidade e equivalência, como ele próprio o fez em *Seafarer*, o segundo tipo de tradução seria um amaranhado de empréstimos, cópias, traduções e adaptações. A tradução intertextual Pound parece ter exercitado em *The Cantos*, já que re-novou todas as suas citações em tradução.

Como que se colocando exatamente ao lado oposto do leigo ou negociante citado por John Milton na epígrafe, Pound reitera: “It takes six or eight years to get educated in one’s art, and another ten to get rid of that education” (1992, p. 85). Em vez de lingüista clivoso por sobre as línguas de Babel, a teoria e *praxis* tradutora de Pound nos faz reconhecer no homem culto e escritor um profundo transformador de sua arte via tradução. A tipologia bipartite apenas indiretamente sugerida por Pound confirma que a operação tradutória não é única, unívoca, mas intertextual e interpretativa numa topologia parahistórica; tal topologia não é homogênea e muito menos vazia.

Uma vez que as tipologias da tradução, agora bipartites, desen-caminharam para a intertextualidade (que é em si para- ou a-histórica), as traduções intraculturais e interculturais de Bassnett e Lefevere parecem bastante pertinentes neste momento. Se a unidade operacional é mais do que nunca a cultura, esses teóricos comprimem tradução, história e cultura, e efetivam uma virada acima de tudo multicultural e interdisciplinar. Para os dois autores, a tipologia da tradução oscila entre intra e intercultural. O primeiro tipo é uma re-escrita que pode tomar a forma de crítica ou comentário e possivelmente a forma de uma naturalização cultural. Exemplos dados na obra de Bassnett e Lefevere (1990) estendem desde a bíblia e perpassam a obra de Shakespeare e Lênin. Através de re-escritas, esses e outros autores do cânone ocidental foram naturalizados ou localizados em outras culturas. Por essa razão, a tradução se torna “highly charged”, realmente uma “transgressive activity” (Bassnett, 1993, pp. 160 -161) e ainda mais forçosamente numa imagética popular. Quando o personagem Marcel de *A la Recherche de Temps Perdu* de Proust é lembrado, a imagem popular que se forma está mais associada à figura do ator Jeremy Irons em *Un Amour de Swann*. A tradução intracultural parece também re-escrever interdisciplinar e intersemioticamente na cultura de massa os objetos antes pertencentes somente à dita alta cultura. O segundo tipo, a tradução intercultural, se refere a textos distanciados em

tempo e/ou espaço, onde o texto fonte tende a colonizar o texto alvo. Porém, essa tentativa de colonização é rechaçada já que “the influence a work of literature has on its own culture is, to a large extent, predicated on the reception of that work, that is, on the image critics create of it” (Lefevere, 1995, p. 8), e essa imagem quando re-escrita para outra cultura será habitada diferentemente. O texto de tradução intercultural estará “embedded within a network of both source and target cultural signs ... [for translation] can be used to subvert by usurping the authority of texts belonging to a culture alien to the target culture” (Vieira 2, pp. 2,4,5) e participando de uma história em rede (não-linear, múltipla e constelar). Essa tipologia bipartite de Bassnett e Lefevere reforça as transformações culturais sofridas no seio da tradução — com cultura de origem e cultura alvo se justapondo e misturando-se uma à outra e formando uma topologia histórico-constelar em rede — e pontuam uma possibilidade de negociação, desvio ou descaminho entre signos culturais.

Com a virada cultural e sua conjunção com a “história”, a questão ideológica e os termos de negociação entram nessa heterogeneidade babélica (topologia em rede) problematizando a perspectiva eurocêntrica numa tentativa de deslocar a conceitualização da origem para a pluralidade dos (pós)colonizados.

Recorto agora algumas tipologias que acedem à América Latina a metáfora mesmo da tradução. Octavio Paz, em seu ensaio “Traducción: Literatura e Literalidad” (1980), pensa a tradução como invenção, ou seja, todos os textos são originais. No entanto, Paz postula uma série de tipologias bipartites para a tradução e conclui que as obras nascem e vivem em relação com outras obras de línguas distintas e que tal relação é uma de contradição e correspondências em vez de confusão e disseminação. Num caminho já trilhado por Freud, Paz sugere que a tradução intralingual é subjacente à interlingual, pois a linguagem perde sua universalidade e se revela uma pluralidade. Num mundo cultural e plural, Paz retoma Dryden e Jakobson e sugere que a tipologia da

tradução também é bipartite quando ela é ora explicativa ora parafrásica. O primeiro caso se dá quando há uma descrição direta enquanto que o segundo é para o autor uma equação verbal. Tal equação descreve uma topografia verbal onde tudo se comunica e tudo é tradução. Com Paz, temos que as negociações intra e interculturais servem para obliterar ou demarcar ainda mais a alteridade de ambas as partes. Entretanto, se as operações frente ao desvio de uma origem tão inventada quanto rasurada são espacializadas em tipologias bipartites, as transformações culturais em tradução parecem ser apenas operações inversas e intercambiáveis. Os termos de negociação para os *topoi* das tipologias da tradução devem ser estabelecidos via uma ideologia de transgressão, subversão e des-semitização, como Paz o fez inicialmente, tradução *qua* criação ou tradução *quid* original.

Recontextualizadas dessa forma, as tipologias da tradução começam por evocar uma conscientização de ruptura com uma mera identificação e prosseguem pelos descaminhos que disseminam alteridade (Talgeri and Verma, 1988, pp. 1-2). Ricardo Piglia em certa instância nos fala da tradução como ex-tradição, ou seja, o exílio que se dá para aqueles “compelidos a lembrar uma tradição perdida, compelidos a atravessar a fronteira” (1991, pp. 61-62). Nesse caso, a fronteira me parece unicamente simbólica porque podemos nos movimentar culturalmente sem necessariamente cruzarmos fronteiras geográficas ou precisarmos do conceito de nação para nos servir de mediação. É exatamente dessa postura de tradução cultural que Homi Bhabha retoma Derrida e declara que já nos encontramos num estágio avançado de disseminação (1994). Outro ponto importante na tipologia unidiversal de Piglia é que o termo ex-tradição comporta significados tais como: fora da tradição, extradição ou exílio, e ex-tradição. Nesse último, o sentido trata da tradução menos como uma operação lexical, ou textual, ou intertextual, e mais como uma negociação com tradições culturais. No sentido de exílio, essa tipologia tem muito pouco a ver com aquele distanciamento elitista do início da modernidade quando

escritores como Joyce, Pound e Eliot se autorizavam restar fora de suas nações. Atualmente, se pensarmos em exílio, aí sim as coisas se complicam: nas primeiras décadas deste século, várias nações da América Latina procuravam “p(ô)or sua identidade”, e, hoje em dia, com, sem, ou mesmo com ela fragmentada, o mundo se globaliza através da localização de diferenças e não de identidade. Conseqüentemente, exilar-se de uma tradição de antemão perdida, de uma idéia de nação de qualquer forma sem uma identidade fixa, mas com diferentes localizações, é no mínimo uma ação inócua. Porém, pensar o termo ex-tradição como uma possível tipotopologia da tradução, ou seja, traduzir estando do lado de fora da operação, ou traduzir para fora de sua casa e em direção à alteridade, esta sim é uma disseminação efetiva e bastante operacional. Como na metáfora da ponte, uma vez iniciada a travessia, talvez melhor seria não chegar apenas ao outro lado. Ademais, não precisamos necessariamente sentir nostalgia de nossa casa estando fora dela ou tendo-a perdida. Poderíamos muito bem, estando em casa, atravessar as “fronteiras” (anteriormente pensadas somente em termos nacionais) e nos conectarmos com o estrangeiro e outro: “podríamos llamar a esa situación la mirada estrábica” (Piglia 1991, p. 61). Mirada esta que está em conjunção com a idéia de refrações ou re-escritas de Lefevere e com a virada epistemológico-conceitual dos estudos da tradução que deixa de lado uma visão tipológico-nacional para tomar uma posição topológico-cultural.

Um outro escritor/tradutor e teórico da tradução com uma mirada altamente estrábica e refratária é Jorge Luis Borges. Para ele, tradução emerge como paródia, ou seja, copiar o original e apagar a origem (Levine, 1991, pp. 1-10). Na linha da escritura ou ficção teórica, a obra de Borges se insere num processo de pensar a tradução ao mesmo tempo fora dela ou ao seu lado. A topologia da ex-tradução borgeana emerge como paródia: escrever um Quixote através de um autor ficcional e apagar Cervantes como um personagem autoral. Em Borges, como em Gabriel Garcia

Márquez, a re-escrita ex-tradutora desencaminha para uma disseminação crítica diferencial e para uma subversão cultural. Márquez, no lugar de apagar a origem, tipifica a tradução como uma confusão babélica em *topoi*: espalha a origem indiscriminadamente. Em *Cem Anos de Solidão*, seu personagem Aureliano Barbosa se encarrega de traduzir a origem através de vários e diferenciados retornos confusos ou babélicos. To(i)pológicas de tradução unidiversais, a paródia de Borges e a confusão de Márquez dão conta da disseminação da diferença, da disseminação do mesmo, da disseminação da cultura, e da disseminação da alteridade.

Cabrera Infante é outro escritor/teórico cuja to(i)pológica da tradução faz parte deste grupo misto que pensa um termo uno em meio à universalidade localizada nas diferenças. Para Infante, tradução é palimpsesto: a ex-tradução justaposta e paródica de uma confusão babélica. Tradução como escritas sobre um pergaminho que contém toda sua tradição “under-erasure”, como um pergaminho que subverte os caminhos da linguagem, como uma rede de fragmentos que pode ser conectada porque “always already” disseminada. Simultaneamente poliglota e intérprete *fidus* à transmutação e paródia, a tarefa do tradutor para Infante é escrever justapondo memória, “falha” de tradução, e fragmentos de herança cultural. “True to his name”, Cabrera Infante parece operar com sua to(i)pológica da tradução no sentido de juntar ao termo palimpsesto a idéia de bricolagem — tarefa do formador de mosaicos e criador de origens — como se fosse, *infans*, um “abuser, a subversive of language” (Levine, 1991, p. xi). À transmutação ex-tradutória e abusiva de Infante, a to(i)pológica da tradução de Severo Sarduy amontoa outra camada de sentido, porque metamorfoseando o original como impostor, a operação é uma de negação mimética. *Bricoleur* também no ato de verter, Sarduy sugere que tradução, *qua* negação mimética, expõe os artificios da representação. O interesse de tal caminho to(i)pológico parece manifesto: para reverter e talvez subverter a “clausura conceitual”

do sistema, negar uma inscrição simbólica dada e atualizar um original, “ao contrário, dessituando-o, fazendo-o oscilar, privando-o de toda referência a um significante autoritário e único” (Sarduy 1974, p. 63). Ora, seja diluir as fronteiras entre as casas, ou desconstruir a casa que se quer única, a aspiração é estar em sua casa em todo lugar: topologia cultural em rede<sup>2</sup>. Como se fossem artífices às avessas, Infante e Sarduy disseminam a alteridade nas rasuras simbólicas das intrincadas séries culturais e desencaminham a to(i)pologia da tradução em direção à desconstrução e re-escrita das casas artificialmente únicas.

O traçado das casas rasuradas ou recriadas na desconstrução mimética se dá no entre-lugar indistinto da assimilação, simulação, esquecimento, absorção e lembrança. A casa que podemos localizar na topologia da tradução no Brasil é também um discurso que informa processos de des-en-caminhamentos da memória, sua organicidade, e uma fruição de criação própria. “Esquecer supõe uma operação mais complexa e mais frutífera do que a simples negação: trata-se de extrair do passado, ‘das dobras da memória’ [Calvino], um potencial recalado” (Pagano, 1996, p. 223). Como Mário de Andrade tão bem aponta, absorção e transformação dos modelos estrangeiros perpassa antes pela operação de esquecimento ou seu fingimento e passa depois pela metáfora da digestão das sobras e dobras da memória. A topologia da tradução em Mário de Andrade é uma antropofagia: subverte a *imitatio*, como ele o fez em *Macunaíma*, transformando-a em avatar, o uno torna-se 300 (Gohn 1995, pp. 88-91), que vai digerindo os espaços intra- e internacionais. O potencial recalado, na tipologia andradeana, se traduz em decalques disseminados e diferidos para uma outra possível transformação futura de esquecimento e lembrança da memória digestiva. Contemporâneo de Benjamin, Mário de Andrade parece acrescentar à tarefa do tradutor, já aliada à tarefa do historiador materialista e do alegorista, a tarefa de apreendedor de bens culturais. A tipologia da tradução do nostálgico lar perdido parece ter sido desprendida de seus significantes autoritários e únicos

(tripartites e bipartites) e estar na direção de resgate numa (uni)diversidade de casas próprias; tentativa de absorção da multiplicidade cultural no avatar topológico e unidiversal.

O elemento de absorção e digestão, conjuntamente com a multiplicação pela adjunção (e não pela submissão), está mais nítido na topologia da tradução de Augusto de Campos. Em sua teorização, temos agora a nuance da intradução: uma fusão de introdução e tradução, a introdução que não só se transforma, mas metamorfoseia-se num traduzir para dentro (Vieira, 1992, p. 36). Além das assinaturas-casas rasuradas, digeridas e disseminadas, temos que a intradução é uma maneira de amar e deglutir, “entrar dentro da pele do fingidor para refingir tudo de novo, dor por dor, som por som, cor por cor ... tradução é crítica ... [d]Os intraduzidos e [d]os intraduzíveis. [D]Os que alargaram o verso e o fizeram controverso, para chegar ao reverso” (Campos A., 1978, pp. 7-8). Correlações de sensibilidade, qualidades melo e fanopaicas, a intradução de A. de Campos abre espaço amplo para interpenetrações culturais. A simulação está agora para a dissimulação, como o verso lingüístico está para o culto topográfico. Esse jogo ilimitado em volta elipsóide da palavra verso é muito importante, visto que versado às avessas, o tradutor em A. de Campos tem como tarefa contra-versificar o bem cultural (poético nesse caso) e re-versificá-lo numa economia doméstica-localizada. Em outras palavras, a topologia da tradução de A. de Campos não é mera negação, nem mesmo simples reversão de privilégios, essa disseminação se pretende debatida, diferida e crítica.

As noções de antropofagia, deglutição e intradução estão de certa maneira na topologia da tradução de Haroldo de Campos. Se A. de Campos re-sensibiliza a metáfora digestiva de Mário de Andrade, H. de Campos re-ver(s)te sub-reptícia e imperiosamente a metáfora angelical de Benjamin e propõe a tradução como uma empresa satânica: a transluciferação de uma desmemória parricida (Campos H., 1986). Ou seja, transluciferação é traduzir não como que servindo a um original/pai/início, mas traduzir como que des-

aprendendo o pai enquanto original e esquecendo o início enquanto origem ou momento inaugural. A transtextualização mefistofáustica de H. de Campos nos faz pensar num direito canônico re-escrito às avessas e tendo o Fausto de Goethe e o mefistoluciferino personagem de Milton como imagens regressas: “Dos seus direitos paródicos, ou seja, da plena assunção daquilo que se poderia chamar *movimento plagiotrópico da literatura* ... derivação por ramificação ‘oblíqua’, ... tradução da tradição, num sentido não necessariamente retilíneo” (Campos H., 1981, p. 75). A topologia da tradução cultural de H. de Campos é sem dúvida orientada pelo moto rebelionário *non serviam* e ainda menos *in loco*: “na tradução, mais do que em nenhuma outra operação literária, se virtualiza a noção de mimesis, não como teoria da cópia ou do reflexo salivar, mas como produção da di-ferença no mesmo” (ibid. 1981, p. 183). Quanto às correlações entre o Mefisto de Goethe, o Lúcifer de Milton, e a topologia da tradução de H. de Campos temos: “A ostensibilidade em grau máximo é algo que se impõe ao pandemônio instalado sob o signo da entronização de Satã no palácio de fogo edificado por Mamom (este símbolo infernal Goethe o foi colher no *Paradise Lost* de Milton)” (ibid. 1981, p. 105). O perdido arcangélico da episteme divina é intraduzido no arquiardiloso mefisto e alude à sensível ostensibilidade dessa topologia panversal e unidiversa.

Em H. de Campos, a topologia da tradução é uma transculturação capaz de a-propriadar, ex-propriadar, des-hierarquizar, des-construir ou localizar tudo que nos é estranho ou que vem de fora, e é também uma trans-valorização daquilo que nos possibilita “desensimesmar do mesmo” (1983a, pp. 109,116). Na medida em que se transculturaliza ou se transtextualiza a tradição que nos parece outra, o jogo da memória, de esquecimento e lembrança, desliza em direção à uma investida ex-centrificadora e des-construtora da autoridade do pai que se quer único. Através do direito paródico, e até mesmo canônico <sup>3</sup>, concedidos por essa topologia da tradução, a dinâmica do movimento é oblíqua, di-ferida e edificante. Retraçando a diferença e a disseminação, “ou ainda, num sentido

atento à derivação da palavra, ‘buscar o rastro de’; na *Gramatologia* de Derrida, ‘la trace’, o rastro, o traço, ‘raiz comum da fala e da escritura’, está ligada ao ‘jogo da diferença’ e por isso mesmo ‘à formação da forma’” (Campos H., 1985, p. 3). Por isso, a noção de mimesis é destacada como extração de diferença na morfose do mesmo e resulta, já numa fase de re-escrita radical, na edificação da casa em cuja ostensibilidade em grau elevado é signo de diferença instalada, entronizada ou localizada. Se nos reportarmos à terceira epígrafe a este trabalho, teríamos no *Paradise Lost* de Milton (1977, p. 367) um importantíssimo paradigma a ser (re)discutido à luz dos estudos da tradução e do movimentar plagiométrico das literaturas pós-coloniais: formados, dizem, pelo trabalho da segunda mão, mas ainda auto-criados e originais, sendo a pujança própria nossa. Daí a necessidade de pensar a nossa casa “em edificação” ou “em localização” como movimento dialógico da diferença, como diferença em relação a uma panóplia de *universalia* na globalização, e antes de tudo, como diferença frente ao outro que não é o nosso mesmo espelhado e nem o nosso outro espelhado no mesmo. Inaugural de um tempo e de um outro, “know none before us”, e decantados numa topologia mefistofausticoluciferina, a tradução para H. de Campos é falar toda a tradição na “DIs-SEMI-(N)AÇÃO” de interstícios de um código universal e dizer, num código de alteridades, a condição alterada e transculturada da casa própria.

Com os irmãos Campos, a topologia da tradução “rejuvenesce” numa interlíngua extraterritorializada de sua própria língua e nos permite pensar os processos de intradução e transluciferação até o excesso do desacordo e da transgressão. Transgressão essa que se faz evidente na “‘hybris’ do tradutor luciferino: transformar, por um átimo, o original na tradução de sua tradução. Reencenar a origem e a originalidade como plagiotropia: como ‘movimento infinito da diferença’ (Derrida); e a mimesis como produção mesmo dessa diferença” (Campos H., 1984, p. 7). Porém, se reencenamos a origem, se resgatamos o traço e retomamos o rastro, fazemo-lo

ou deveríamos fazê-lo produzindo e localizando diferença. Esse não é o caso, por exemplo, de uma tipologia da tradução que repete uma divisão tripartite e sugere que tradução é prostituição. Ao retomar a famosa analogia entre *traduttore/traditore*, pode-se numa repetição in-diferencial e numa (pseudo)tipologia tripartite, comparar a tradução à infidelidade e traição: ao original, à língua-mãe do tradutor e ao desenvolvimento de uma literatura nacional. Como que repetindo hierarquias e subsumindo línguas e culturas, retira-se então da tradução seu (alcançado) *status quo* de original, reposiciona a língua como uma, repete a questão da antiga celeuma entre literatura em tradução e literatura nacional<sup>4</sup>, e se esquece de toda a topologia da tradução aqui entrevista. Como já vimos, subdesenvolvido ou atrasado é aquele que vê o termo nacional como identidade e fixa ou aquele que, para uma *captatio benevolentia* de um provável centro cultural, vê tradução e original como concorrentes, em vez de correlacionados, disseminados numa adução à alteridade e mesmo con-fundidos numa topologia confeccionada em rede. Ademais, como já nos mostrou Derrida, a tradução é transposição inter- e intra-lingual dentro de um discurso que é sua própria condição (1982). Tal tradução traduz dentro de um discurso o que o escapa em essência, a saber: o não discurso do intraduzível, e do não presentável. É nesse transgredir de fronteiras simbólicas que a unidiversal topologia dos irmãos Campos se faz intradução do intraduzível e transluciferação do impresentável. Unidiversais, as topologias da tradução surgem como processo afirmativo de alteridade e, na medida em que “toda tradução é um modo, por assim dizer, provisório de se medir a estranheza das línguas entre si” (Benjamin, 1982, p. 12), e das línguas em si, os descaminhos da forma se dão também no feminino.

Seja em tradução própria ou tradução figurativa, as unidiversais topologias da tradução no feminino percorrem o itinerário (tipo)topológico e nos mostram que para traduzir de uma língua à outra, para traduzir dentro da mesma língua, ou traduzir da língua da autoridade paterna para a língua deshierarquizada e disseminada,

“one would engage upon a course that would quickly reveal how this reassuring tripartition can be problematic” (Derrida 1985a, p. 174). O problema da tripartição tradutória se encontra na impossibilidade de uma univocidade e na transparência proibitiva num mundo pós-queda e pós-babélico. Nesse sentido, traduzir é um rasurar que não apaga o que já está escrito, mas adiciona mais uma assinatura (nome próprio) à assinatura do outro, revivendo-a/avivando-a/embelezando-a. “Re-belle et Infidèle”, nas palavras da canadense Susanne de Lotbinière-Harwood (1991), a tipologia da tradução parece estar sendo des-mascarada como mais uma conquista romana, como diria Nietzsche, e assumindo o seu aspecto mitológico de Proteu (o informe de várias formas que informa a topologia da tradução): rebelar contra a arbitrariedade/autoridade paterna da língua, fazê-la bela de novo em sua diversidade/pluralidade, e, recolocando em questão a fidelidade nos moldes de D’Ablancourt, ser “absolutamente” infiel ao centro que se quer único, à voz que se quer una, e à representação que se quer transparente. Nessa feminização da topologia tradutória, Barbara Johnson (1985) sugere que a tradução pode ser vista como uma bigamia transferencial e Gayatri Spivak (1993) pensa a tradução como uma leitura transacional. O di-ferencial da tradução é apontado em topologias unidiversais que dão conta não só de um outro, mas agora de um outro e feminino.

O disforme ou multiforme que rege a tradução abre novamente o lugar de disseminação, ou seja, metabolizar o corpo da tradução num entre-lugar (também masculino-feminino-andrógino) e na alteridade. Os corpos ou casas em profusão babélica promovem e chegam a proclamar o conhecimento, *studia*, mas no *imperia* do outro. Topologias da tradução como uma cena na qual se dá um ausentar-se da (boa) gramática — da mentira do texto e seu império —, enquanto re-escreve-se a sintaxe coordenativamente. Nesses casos, a tradução equivale ao (des)mapeamento na e da fronteira (Bellei, 1994) e funciona como um duplo através do qual “il s’agit de faire exister de l’étranger qui sans cela n’existerait pas” (Zins,

---

1984, p. 46). Funcional, a tradução parece que “defines national culture to natives and the world alike” (Tymoczko, 1983, p. 18), ou seja, localiza a diferença no mesmo, e é um veículo através do qual “the transmission of the foreign as a revitalizing power” se faz possível (Schulte, 1989, p. 1). Esse estrangeiro pode nos chegar, como num cont(r)ato amoroso, via tradução *qua* penetração sem violação, *qua* transação pré-nupcial que antevê uma bigamia não preferencial. Porém, num momento mais pós-colonial e menos pós-moderno, o estrangeiro nos chega via tradução *qua* violação. Ou seja, uma topologia da tradução que seja não só funcional porque cúmplice — nação para os nativos e cultura “globalizada” para os estrangeiros —, mas também efetiva porque consciente dessa cumplicidade — nação-estado como uma imaginação européia, nação como uma dis-seminação (retração, retirada do sêmen ou da semente geradora), pós-moderna e européia. O hífen de junção entre nação e estado parece se dar a ver na t(r)opologia desta “verdade”, uma mentira que é des-coberta numa leitura de des-construção (Spivak, 1999). A canibalística do estranhamento está presente (e ausente ao mesmo tempo) na metáfora da tradução e sua topologia unidiversal de (re)mapeamento ou re-constelação do paraíso pós-adamítico. Para/íso, para/diso, para/dise, para/dis, ou seja, para além do mesmo na fala. Um dizer diferente e para além do outro no mesmo. Um “para casa” de recriações nas segundas, terceiras e infinitas mãos de um mundo trans-textual, pluri-vocal, multi-cultural, global e quiçá altamente crítico nesse e desse uni-verso.

---

## Notas

1. Cabe lembrar que, partindo de um referencial bibliográfico semelhante ao já levantado por Else Ribeiro Pires Vieira (1992, 1994, 1995a, 1995b, 1996a, 1996b, 1996c), o título do presente ensaio faz uma alusão à sua tese de doutoramento, *Por uma teoria pós-moderna da tradução*, porém revisitando as propostas teóricas de tradução e contrapondo estas aos conceitos de tipologia e topologia num jogo que os mostram sendo e incidindo sobre práticas tradutórias.

2. Gostaria de fazer um outro contraponto, agora nas notas de fim, entre esse “estar em casa” e uma passagem citada por Edward Said (1994, p. 335) de um monge saxão do século XII: “It is therefore, a source of great virtue for the practiced mind to learn, bit by bit, first to change about in visible and transitory things, so that afterwards it may be able to leave them behind altogether. The person who finds his homeland sweet is still a tender beginner; he to whom every soil is as his native one is already strong; but he is perfect to whom the entire world is as a foreign place. The tender soul has fixed his love on one spot in the world; the strong person has extended his love to all places; the perfect man has extinguished his”. É suficiente, no nosso momento, ser forte e saber estar em casa.

3. Me refiro a direito canônico e des-construção da autoridade do pai no sentido de subreção, ou seja, supressão da verdade para obter indulgência (Spivak, 1999, p. 11).

4. ver nesse caso, posições díspares e também correlatas como: Aparicio, 1991; Bassnett-McGuire, 1991; Campos H., 1984; Derrida, 1987; Gentzler, 1993; Hermans, 1985; Homel e Simon, 1996; Lefevere, 1992; Jain, 1988; Mukherjee, 1994; Murray, 1991; Schulte e Biguenet, 1992; Venuti, 1992; Venuti, 1995; Vieira, 3. Em todo caso, num mundo cada vez mais globalizado, defender uma literatura nacional contra um pano de fundo que é a literatura em tradução ou estrangeira, é no mínimo retomar o pensamento goetheano de “Welt Literatur” sem promover uma área de operação diferencial. Se tirarmos o “pano de fundo”, teremos a “network” de correlações culturais que, no presente trabalho, desloca o pensamento tipológico da tradução para uma posição topológica de des-caminho ou (re)constelação.

## Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

APARICIO, Frances R. *Versiones, interpretaciones, creaciones: instancias de la traducción literaria en Hispanoamérica en el siglo veinte*. Gaithersburg: Ediciones Hispamérica, 1991. pp. 9-63.

BASSNETT-McGUIRE, Susan. *Translation studies* (revised edition). London & New York: Routledge, 1991.

BASSNETT, Susan & LEFEVERE, André (eds). *Translation, history and culture*. London: Pinter, 1990.

BASSNETT, Susan. *Translation studies*. London: Routledge, 1991.

\_\_\_\_\_. *Comparative Literature: a critical introduction*. Oxford & Cambridge: Blackwell, 1993.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. “Notas sobre dois discursos na/da fronteira: Joseph Conrad e Jacques Derrida”. In: Antelo, Raúl (org.). *Identidade e representação*. Florianópolis: UFSC, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Illuminations*. Trans. H. Zohn. London: Fontana, 1982.

BERMAN, Antoine. “Goethe: traduction et littérature mondiale”. *Poétique*, n. 52, 1982, pp. 453-469.

BHABHA, Homi. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.

CAMPOS, Augusto de. *Verso, reverso, controverso*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

\_\_\_\_\_. “Mephistofaustian transluciferation: contribution to the semiotics of poetic translation”. *Dispositio*, V. 7, n. 19/20/21, 1982. pp. 181-188.

\_\_\_\_\_. “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, V. 4, n. 1, Jan./dez. 1983a, pp. 107-127.

\_\_\_\_\_. “Tradução, fantasia e fingimento”. *Folhetim*, n. 348, 18/set./1983b. pp. 6-7.

\_\_\_\_\_. “Bereshit, a gesta da origem”. *Folhetim*, n. 369, 12/fev./1984. pp. 6-8.

\_\_\_\_\_. “Para além do princípio da saudade”. *Folhetim*, n. 412, 9/dez./1984. pp. 6-8.

\_\_\_\_\_. “Paul Valéry e a poética da tradução”. *Folhetim*, n. 419, 27/jan./1985. pp. 3-5.

\_\_\_\_\_. “The rule of anthropophagy: Europe under the sign of devoration”. Trans. Maria Thai Wolff. *Latin American Literary Review*, V. 14, n. 27, jan. - jun. 1986. pp. 42-60.

\_\_\_\_\_. “Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora”. 1. pp. 53-74.

DE MAN, Paul. *A resistência à teoria*. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1978.

DERRIDA, Jacques. *La dissemination*. Paris: Seuil, 1972.

\_\_\_\_\_. “Moi — la psychanalyse”. *Meta* numéro spécial, V. 27, n. 1, mar. 1982, pp. 72-76.

\_\_\_\_\_. “Des Tours de Babel”. In: Graham, Joseph (ed). *Difference in translation*. Trans. Joseph Graham. London: Cornell University Press, 1985a. pp. 149-164.

\_\_\_\_\_. *The ear of the other: otobiography, transference, translation*. Trans. Peggy Kamuf. New York: Schocken Books, 1985b.

\_\_\_\_\_. *Positions*. Trad. Alan Bass. London: The Athlone Press, 1987.

DRYDEN, John. "On translation". In: Schulte, R. e Biguenet J. (eds). *Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. pp. 17-31.

GENTZLER, Edwin. *Contemporary translation theories*. New York: Routledge, 1993.

GOHN, Carlos Alberto. "Tradutores e avatares: Sri Aurobindo e Mário de Andrade". In: Vieira, Else R. P. e Benn-Ibler, Veronika (orgs.). *Culturas e signos em deslocamento*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Anglo-Germânicas da UFMG, 1995. pp.88-91.

HERMANS, Theo (ed). *The manipulation of literature: studies in literary translation*. London: Croom Helm, 1985.

HOMEL, David e SIMON, Sherry (eds.). *Mapping literature: the art and politics of translation*. Montreal: Véhicule Press, 1996.

JAIN, Jasbir. "Problems of cultural transference in literary translation". In: Talgeri, Pramod & Verma, S. B. (eds). *Literature in translation: from cultural transference to metonymic displacement*. Bombay: Popular Prakasham, 1988. pp. 12-20.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. J. Blikstein e J. Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

JOHNSON, Barbara. "Taking fidelity philosophically". In: Graham, Joseph (ed). *Difference in Translation*. London: Cornell University Press, 1985. pp. 142-148.

LEFEVERE, André. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. London & New York: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. "Introduction: comparative literature and translation". *Comparative Literature*, V. 47, n. 1, Winter 1995, pp. 1-10.

LEVINE, Suzzana Jill. *The subversive scribe: translating Latin American fiction*. Saint Paul: Graywolf Press, 1991.

---

LOTBINIERE-HARWOOD, Susanne de. *The body bilingual: translation as a rewriting in the feminine*. Toronto: Women's Press, 1991.

MAHONY, Patrick. "Towards the understanding of translation in psychoanalysis". *Meta* número spécial, V. 27, n. 1, mar. 1982, pp. 63-71.

MILTON, John. "Of education"; "Paradise Lost". In: Bush, Douglas (ed). *The Portable Milton*. London & New York: Penguin Books, 1977. pp. 135-205, 231-548.

MILTON, John. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poética, 1993.

MUKHERJEE, Sujit. *Translation as discovery*. Hyderabad: Orient Longman, 1994.

MURRAY, David. *Forked tongues*. London: Pinter Publishers, 1991.

NELSON, Lowry. "Literary translation". *Translation Review*, n. 29, 1989, pp. 17-30.

NIRANJANA, Tejaswini. *Siting translation: history, post-structuralism and the colonial context*. Berkeley: University of California Press, 1992.

PAGANO, Adriana S. *Percursos críticos e tradutórios da nação: Argentina e Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 1996. (Tese inédita de doutoramento).

PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona: Tusqueto, 1980.

PERALDI, François (ed). "Psychanalyse et traduction". *Meta* número spécial, V. 27, n. 1, mar. 1982, pp. 1-154.

PIGLIA, Ricardo. Memoria e tradição. *Anais do II Congresso Abralic*, Belo Horizonte, 1991, V.1, pp. 60-66.

POUND, Ezra. "Guido's relations". In: Schulte, R. and Biguenet, J. (eds.). *Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. pp. 83-92.

SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage, 1994.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SARDUY, Severo. *Barroco*. Buenos Aires: Sudamericana, 1974.

SCHULTE, Rainer & BIGUENET, John (eds). *Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1992.

SCHULTE, Rainer. "Mapping the geography of translation for the 1990s". *Translation Review*, n. 30-31, 1989, pp. 1-3.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. "The politics of translation". In: Spivak, G. *Outside in the teaching machine*. New York & London: Routledge, 1993. pp. 179-200.

\_\_\_\_\_. *A Critique of postcolonial reason: Toward a history of the vanishing present*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

TALGERI, Pramod e VERMA, S. B. (eds.). *Literature in translation: from cultural transference to metonymic displacement*. Bombay: Popular Prakasham, 1988.

TYMOCZKO, Maria. "Translating the old Irish epic Táin Bó Cúailnge: political aspects". *Pacific Quarterly Moana*, V. 8, n. 2, 1983. pp. 6-21.

VENUTI, Lawrence. "Introduction". In: Venuti, Lawrence (ed). *Rethinking translation: discourse, subjectivity, ideology*. London & New York: Routledge, 1992. pp. 1-17.

\_\_\_\_\_. *The translator's invisibility: a history of translation*. London & New York: Routledge, 1995.

---

VIEIRA, Else R. P. *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. Belo Horizonte: UFMG, 1992. (Tese inédita de doutoramento).

\_\_\_\_\_. "Towards a postmodern translational aesthetics in Brazil". In: Snell-Hornby et alii (eds.). *Translation studies: an interdiscipline*. Philadelphia: John Benjamins, 1994.

\_\_\_\_\_. "Alguma coisa está fora da velha ordem mundial". In: *Limites*: III congresso da associação brasileira de literatura comparada, 10-12 de agosto de 1992. São Paulo: EDUSP, 1995a. pp. 451-458.

\_\_\_\_\_. "Towards a minor translation". In: McGuirk, Bernard e Millington, Mark (eds.). *Inequality and difference in Hispanic and Latin American literatures*. Lewiston: The Edwin Mellen Press, 1995b. pp. 141-152.

\_\_\_\_\_. "From subservience to subsequence". In: Coulthard, M. e Baubeta, P. A. Odber de (eds.). *Theoretical issues and practical cases in Portuguese-English translations*. Lewiston: The Edwin Mellen Press, 1996a. pp. 17-34.

\_\_\_\_\_. "Nudity versus royal robe: signs in rotation from Latin American (in)culture to (in)translation. In: Oliveira, Solange Ribeiro de e McGuirk, Bernard (orgs.). *Brazil and the discovery of America: narrative, history, fiction 1492-1992*. Lewiston: The Edwin Mellen Press, 1996b. pp. 1-16.

\_\_\_\_\_. "(In)visibilidades na tradução: troca de olhares teóricos e ficcionais". *Revista ComTextos*, v. 6, 1996c. pp. 50-68.

\_\_\_\_\_. "Libertarian translation". In: Class, Olive (ed.). *Encyclopedia of literary translation*. London: Fitzroy Dearborn, (no prelo) -1.

\_\_\_\_\_. "Cultural contacts and/through translation". In: Class, Olive (ed.). *Encyclopedia of literary translation*. London: Fitzroy Dearborn, (no prelo) - 2.

\_\_\_\_\_. "Cultural transposition". In: Class, Olive (ed.). *Encyclopedia of literary translation*. London: Fitzroy Dearborn, (no prelo) -3.

ZINS, Céline. "Le traducteur et la fonction du double". *Assises de la Traduction Littéraire*, V. 1, 1984. pp. 34-59.